



Uso de cremes clareadores da pele negra em sociedades africanas: um desafio para preservação, conservação e afirmação da autoestima dos africanos.

Use of skin lightening creams for black people in African societies: a challenge for the preservation, conservation and affirmation of African self-esteem.

Abibo Sábio¹

António Alone Maia²

RESUMO

Uso de cremes clareadores da pele negra em sociedades africanas. Um desafio para preservação, conservação e afirmação da autoestima dos africanos. Esta pesquisa analisa a África, mas com destaque, a região subsariana ou negra. A temática do uso dos cremes clareadores deixa consequências nefastas como, a inferiorização da identidade originária africana e biológicas (cancro da pele) conforme os especialistas da matéria da indústria farmacêutica. Por isso, as sociedades da África negras, devem voltar as origens e colocar a mão na consciência. Sabes que, os cremes consolidam a negação da autoestima nas pessoas da raça negra, ou seja, devem se orgulhar com a pele negra, afirmar com a sua melanina originária. Actualmente, os cosméticos industriais, viraram moda aos negros, sob alegação de ostentar a raça branca e privilegiada diante aos negros. Os cremes deixam consequências nefastas como, a inferiorização da identidade originária africana e biológicas segundo os especialistas da matéria da indústria farmacêutica. A África negra, deve voltar as origens, ou seja, devem se orgulhar, afirmar com a sua melanina originária. Para tal, a conservação e preservação da identidade originária pode ombrear e enfrentar com a finco o fenómeno da globalização. E tem como, objectivo geral é reflectir uso de cremes clareadores da pele negra na África subsariana. E objectivos específicos: Descrever a história sobre do uso dos cremes clareadores em sociedade da África subsariana, elucidar a causa principal da origem do fenómeno e propor soluções para melhoria da consciência nas pessoas da pele negra.

Palavras – Chaves: Cremes, Clareadores, Sociedades, Negra, africanas.

ABSTRACT/ RESUMEN

¹ Docente de profissão afecto na Escola Basica de Mirige, distrito de Montepuez, provincia de Cabo Degadao, norte de Moçambique na Africa Austral, jornalista e *Estudante finalista na Faculdade de Letra e Ciências Sociais no curso de Mestrado de Sociologia em Desenvolvimento na Universidade Rovuma em Nampula, II edição, 2023.* abibosabio@gmail.com & <https://orcid.org/00090006-3788-9343>.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo- USP (2015). Docente e chfe de Departamento de Extensão e Inovação da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Rovuma (UniRovuma). Alonemaia13@gmail.com; Moçambique. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>.



Use of skin lightening creams on black people in African societies: A challenge for the preservation, conservation and affirmation of self-esteem among Africans. This research analyzes Africa, but with emphasis on the sub-Saharan or black region. The use of lightening creams has harmful consequences, such as the inferiorization of the original African identity and biological consequences (skin cancer), according to experts in the pharmaceutical industry. Therefore, black African societies must return to their origins and put their hands on their conscience. You know that creams reinforce the denial of self-esteem in black people, that is, they must be proud of their black skin, affirming their original melanin. Nowadays, industrial cosmetics have become fashionable for black people, under the pretext of showing off the privileged white race in front of black people. According to experts in the pharmaceutical industry, creams have harmful consequences, such as the inferiorization of the original African and biological identity. Black Africa must return to its origins, that is, it must be proud and assert its original melanin. To this end, the conservation and preservation of its original identity can stand shoulder to shoulder and face the phenomenon of globalization with determination. Its general objective is to reflect on the use of skin lightening creams for black people in sub-Saharan Africa. Specific objectives: To describe the history of the use of skin lightening creams in sub-Saharan African society, to elucidate the main cause of the origin of the phenomenon and to propose solutions to improve awareness among people with black skin.

Keywords: Creams, Lighteners, Societies, Black, African

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, aborda o tema, Uso de cremes clareadores da pele negra em sociedades africanas: um desafio para preservação, conservação e afirmação da autoestima dos africanos. Um tema é inserido numa Mesa redonda de reflexão para a celebração de 25 de Maio dia de África, sob lema Repensar África: reflexões sobre o passado, presente e futuro possíveis. O estudo fala uso de cremes clareadores em África, com olhos postos na região da África saariana ou negra. Objecto do estudo é, Uso de cremes clareadores da pele negra em sociedades da África subsariana ou negra.

O tema é muito relevante porque, o uso dos produtos cosméticos, sobretudo os clareadores da pele escura na região da África negra, é uma prática real com propósito de negar a pele original no seio das sociedades negra. E para contornar esta situação maléfica, é difícil, mas não impossível, no qual Moçambique é um dos 47 países integrantes desta região e não está excepção. Estes cosméticos industriais, actualmente, contam e tornaram moda na consciência das pessoas negras, sob alegação de tornarem ou ostentar como pessoa da raça branca e



privilegiada diante das pessoas com a pele negra ou originária dessas sociedades. No entanto, uso dos cremes deixa consequências nefastas como, a inferiorização da identidade originária africana e biológicas, conforme os especialistas da matéria da indústria farmacêutica. Por isso, as sociedades da África negra, devem voltar as origens, ou seja, devem se orgulhar, afirmar com a sua melanina originária. Mas também, conservar e preservar a identidade original e enfrentar a globalização.

Objectivo geral é reflectir uso de cremes clareadores da pele negra na África negra sobretudo a preservação, conservação e afirmação da identidade cultural das sociedades negras no panorama mundial.

E objectivos específicos: Descrever o contexto histórico sobre o uso dos cremes clareadores em sociedade da África subsariana, elucidar a causa principal da origem do fenómeno e propor soluções para melhoria da consciência nas pessoas da pele negra.

A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO USO DE CREMES CLAREADORES DA PELE NEGRA EM SOCIEDADES AFRICANAS: UM DESAFIO PARA PRESERVAÇÃO, CONSERVAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA AUTOESTIMA DOS AFRICANOS

CONCEITOS BÁSICOS

Para percebermos melhor a temática, trazemos, ainda que, de forma sucinta, alguns conceitos básicos que nos ajudarão a ter uma compreensão mais ampla do fenómeno.

Autoestima – esta, correlaciona-se com racionalidade, realismo, intuição, criatividade, independência, flexibilidade, habilidade para lidar com mudanças, disponibilidade para admitir e corrigir erros, benevolência e cooperação, (Branden & Ruiz, 2002). Portanto, Autoestima é viver de forma intencional, assumindo as escolhas com responsabilidade e de forma consciente.



Clareadores de Pele - são produtos ou tratamentos que visam reduzir a pigmentação excessiva da pele, actuando principalmente na inibição da produção de melanina. Exemplo, Caró Carlota etc (<https://www.google.com/search?q=conceito+de+clareador>, acesso 14.05.2025).

Colorismo - é uma forma de discriminação baseada na tonalidade da pele, onde pessoas de pele mais clara são favorecidas em relação às de pele mais escura, mesmo dentro do mesmo grupo racial ou étnico.

Conservação da identidade - envolve a manutenção de características distintivas, memórias e valores que definem um determinado contexto, contribuindo para a construção e manutenção da identidade.

Preservação da identidade refere-se à protecção e manutenção das características, valores e traços culturais de um indivíduo, grupo ou comunidade ao longo do tempo. Isso inclui a protecção contra perda ou modificação destas características, bem como a promoção da valorização e continuidade das mesmas (<https://www.google.com/search?q=preserva%C3%A7%C3%A3o+da+identidade>).

Sociedade - é um sistema de interações entre indivíduos que se baseia na solidariedade, seja ela mecânica ou orgânica. Ele enfatiza a importância das normas e valores sociais na regulação do comportamento individual e na manutenção da ordem social, (Durkheim).

Weber (2004) destaca a acção social como um elemento fundamental da sociedade. Para ele, a acção social é aquela que é orientada pelo sentido que o indivíduo atribui a seus actos e é influenciada pelas interações com outros.

Sociedade - relações de produção e da luta de classes. Ele argumenta que a sociedade é determinada pela estrutura económica e que a exploração de uma classe sobre outra é a causa fundamental das desigualdades sociais, (Marx, 1996).

ORIGEM DO CLAREAMENTO

O colorismo não é um problema novo. Ele está intimamente ligado à história da colonização e da escravização dos povos africanos. Durante o este período histórico, a pele mais clara era



associada aos colonizadores europeus e vista como símbolo de status, poder e superioridade. Por outro lado, a pele mais escura era frequentemente associada e ligada ao trabalho forçado e à subordinação.

Nas sociedades africanas contemporâneas, essa herança colonial persiste, mesmo após a independência. O valor atribuído à pele clara tem sido perpetuado por diversas formas de mídia, literatura e até religiões que reforçam padrões de beleza eurocêntricos.

Em pleno século XXI, observa-se a olho nu e um aumento significativo no uso de cremes clareadores de pele em diversos países africanos com maior realce para Angola, Tanzânia, Moçambique, Nigéria; República Democrática do Congo; Mali, Costa do Marfim, Senegal; Ruanda, Quênia, Burquina Fasso, entre outros. Na África subsariana assiste-se uma tendência a normalização deste fenómeno pelos seus concidadãos. Diante desta tendência, questionamos a respeito da identidade dos povos em causa: *qual é o lugar da identidade, beleza e estética africana diante desta tendência de clareamento da pele? Diante deste fenómeno, não estaremos a resgatar teorias evolucionistas dualistas e obsoletas que pressupunham a superioridades de uns e a inferioridades de outros povos? Não estaremos com estas tendências de clareamento da pele a afirmar a superioridade ocidental dos padrões estéticos e de beleza? Qual é o lugar da diferença? Será que a humanidade precisa ser toda igual, em termos de pigmentação? Há consciência em África sobre as várias faces da globalização e as formas como ela opera?*

A título de exemplo, em Angola é popularmente conhecido como "**paculamento**" ou simplesmente "**paculo**", um termo amplamente utilizado para descrever o colorismo e suas manifestações.

O fenómeno do clareamento da pele deve ensinar-nos que, a humanidade não precisa ser toda igual em termos de padrões estéticos, pelo contrário, o reconhecimento e a valorização das diferenças é a maior riqueza que a humanidade possui e deve preservar. Que seria de um jardim com uma única flor? Ou com muitas flores, mas sendo do mesmo tipo? A beleza de um jardim está no tom da sua diversidade em ter uma variedade de flores. Assim, também é a diversidade humana.

A Intensificação do Uso de Cremes Clareadores



Nos últimos anos, o uso de cremes clareadores tornou-se um problema alarmante em muitos países africanos, como Nigéria, Gana, África do Sul e Senegal. Estudos revelam que cerca de 40% das mulheres em alguns desses países recorrem a produtos para clarear a pele, muitas vezes ignorando os riscos à saúde.

O problema não está apenas, na prática em si, mas também no papel das indústrias estrangeiras que lucram com a produção e comercialização desses produtos. Essas empresas, muitas vezes sediadas na Europa; na Ásia e dentro de África, promovem cosméticos que prometem "**pele radiante**" e na sequência disso, há efeitos colaterais e perigosos nas pessoas, como câncer de pele, danos aos órgãos internos e distúrbios hormonais.

Impactos Sociais e Psicológicos do Colorismo:

O colorismo contribui para uma série de problemas sociais, incluindo:

1. **Autoestima Reduzida:** Pessoas com pele mais escura, especialmente mulheres, muitas vezes, parecem enfrentarem exclusão, discriminação e falta de representatividade. Isso, parece que, afecta sua autoestima e confiança.
2. **Desigualdades Económicas:** Indivíduos de pele mais clara podem ser preferidos em contratações, promoções e oportunidades sociais, perpetuando ciclos de desigualdade.

A média (rádio, televisão, jornais e redes sociais), pode, de alguma forma, desempenhar um papel crucial na perpetuação do colorismo. Propagandas de produtos clareadores frequentemente mostram pessoas de pele mais clara como mais bem-sucedidas, felizes e atraentes. Essa mensagem subliminar alimenta a ideia de que clarear a pele é uma solução para problemas pessoais ou sociais e esquece-se o lugar e a beleza da diversidade.

RISCOS DO CRESCENTE USO DE PRODUTOS DE CLAREAMENTO DA PELE NA ÁFRICA SUBSARIANA

Segundo relatório mais recente da OMS, 77% das mulheres nigerianas usam produtos para deixar a pele mais branca. Médicos chamam a atenção para produtos utilizados com frequência, mas que não passam pelo controlo e testes de segurança.

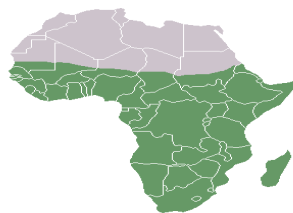


Os africanos viviam em pequenas comunidades e detinham estruturas governativas quase sólidas ao nível social onde comungavam as questões culturais linguísticas do dia-a-dia. Politicamente, os sistemas de reinados funcionaram harmonicamente e economicamente os povos africanos, de alguma forma, sempre cooperavam entre si. A título de exemplo, a fase de recollecção de frutos silvestre e a caça e ainda da fase do início de agricultura e da pastorícia tudo se sustentava em comunhão e partilha. Só para situar o leitor, a **África subsariana** ou **África negra**, corresponde à parte do continente africano situada ao Sul do Deserto do Saara. Nesta região, integram quarenta e sete (47) países, cujas fronteiras, resultaram na divisão e colonização de África, consumada na conferência de Berlim, na Alemanha, entre 1884 a 1885.

O Deserto do Saara, com cerca de 9 milhões de quilómetros quadrados, forma uma espécie de barreira natural que divide o continente africano em duas partes muito distintas, quanto ao quadro humano e económico. A Norte do Saara, encontramos uma organização socioeconómica muito semelhante à do Oriente Médio, formando um mundo islamizado.³ Ao Sul do Sahara, está a África subsariana, antigamente chamada África Negra, por europeus e árabes, em razão da predominância, nessa região, de povos de pele mais escura. Porém, tal terminologia é considerada essencialmente ideológica. A África Subsaariana tem, uma população de mais de 1.246 milhões de habitantes, em 2023 e maioritariamente constituída pela população jovem, com menos de 30 anos. Essa região é conhecida pela sua diversidade étnica e por ser uma das áreas mais populosas do mundo, com um crescimento populacional significativo, (ONU, 2023). A diversidade étnica desta região da África é patente nas diferentes formas de cultura, incluindo as línguas, a música, a arquitectura, a religião, a culinária e a indumentária dos diferentes povos do continente. A maioria da população pertence a grupos étnicos, anteriormente classificados como "**Raça Negra**," Vide a imagem em 1.

Imagem 1: Mapa de África Subsariana ou África Negra

³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%>. Acesso: 15.05.2025.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki>

É importante notar que, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta para os riscos associados à utilização de produtos clareadores que contenham mercúrio, uma substância nociva. Os produtos clareadores, contudo, continuam a ser popular, especialmente em alguns países da África e Ásia, onde o uso para clarear a pele é difundido.

Países que produzem e comercializam produtos clareadores no mundo

Na Ásia: China, Filipinas, Tailândia, Paquistão e Líbano; América Latina: República Dominicana, México; Estados Unidos da América: Produz produtos clareadores, mas com restrições em relação ao uso de mercúrio; Europa: A União Europeia proíbe produtos com mercúrio, mas a indústria clareadora continua activa em outros países e a própria África: Vários países, especialmente, a Nigéria, Costa do Marfim e Tanzânia estão no topo africano, onde a utilização de produtos clareadores é popularizado, (OMS) vide a imagem numero 2.

Imagem 2: Produtos cosméticos clareadores da pele negra



Fonte: Autor adaptado 2025

METODOLOGIA



Os proponentes privilegiaram os métodos: Monográfico e empírico. Este método foi fundamental na elaboração do presente trabalho. Tecnicamente, também recorreu-se ao método etnográfico da observação directa sobre uso dos cremes clareadores, em alguns contextos da região Sul do Sahara. Fez-se um estudo Descritivo reflectindo sobre o uso de cremes clareadores da pele negra em sociedades africanas, um desafio para preservação, conservação e afirmação da autoestima dos africanos. Quanto a abordagem trata-se de um estudo qualitativo, visto que, trata-se duma percepção de um pensamento sobre os povos da África negra que usam clareadores para tornarem brancos de cor inferiorizando a sua pele negra ou natural. Nesta vertente, ao abraçarem esta prática, nada mais estão fazendo do que, perpetuar psicologicamente o pensamento evolucionista da supremacia branca em detrimento da cor negra.

ANÁLISES E RESULTADOS

A problemática do uso dos produtos cosméticos, sobretudo os clareadores da pele escura na região da África negra, é uma realidade e, para contornar a situação é difícil, mas não impossível. Por exemplo, Moçambique é um dos quarenta e sete (47) países integrantes da região subsaariana, onde o fenómeno é visível, e um caso concreto é a cidade de Nampula. Um facto curioso e que chama atenção, é que, entre os praticantes da clareação da pele negra, encontramos pessoas com um grau de instrução escolar aceitável. Daí, surge outra questão, *até que ponto a instrução escolar ajuda na valorização e preservação das identidades?*

Os produtos clareadores de origem sintético, actualmente, tornaram-se uma moda no quotidiano de muitos africanos e africanas sob alegação da procura da brancura e ostentando-se como pessoa da raça branca e privilegiada no seio social em relação aos que não adquirem, a suposta beleza, assim como a fama, diante das pessoas com a pele negra ou originaria das sociedades africanas.

ANÁLISES E RESULTADOS

A problemática do uso dos produtos cosméticos, sobretudo os clareadores da pele escura na região da África negra, é uma realidade e, para contornar a situação, é difícil, mas não impossível. Por exemplo, Moçambique é um dos quarenta e sete (47) países integrantes da



região subsaariana, onde o fenómeno é visível, e um caso concreto é a cidade de Nampula. Um facto curioso e que chama atenção, é que, entre os praticantes da clareação da pele negra, encontramos pessoas com um grau de instrução escolar aceitável. Daí, surge outra questão, *até que ponto a instrução escolar ajuda na valorização e preservação das identidades?*

Os produtos clareadores de origem sintético, actualmente, tornaram-se uma moda no quotidiano de muitos africanos e africanas sob alegação da procura da brancura e ostentando-se como pessoa da raça branca e privilegiada no seio social em relação aos que não adquirem, a suposta beleza, assim como a fama, diante das pessoas com a pele negra ou originaria das sociedades africanas.

No entanto, ignorando de forma grosseira, as consequências nefastas como, a inferiorização da identidade originária africana introduzida, propagada pela colonização, que, com base no princípio evolucionista, difundira que, a supremacia branca, um caso concreto que se viveu na RSA, em relação a da negra, facto que não constitui verdade. De acordo com Aime Cesaire, poeta com DNA da África negra, desconstrói esta narrativa que, nenhuma a raça tem o monopólio da beleza, inteligência, força e há espaço para todos se encontrarem e conquistarem. Com este pensamento, os povos da África subsariana, são culpados da autoinferiorização social. Portanto, para além das consequências identitárias, os especialistas em matéria da indústria farmacêutica avançam que, uso dos creme clareadores (caró) altera a saúde da pessoa e correndo o risco de ter-se o cancro da pele, só para ilustrar.

Porém, sabe-se que, a génese da inferiorização da pele negra dos habitantes da África subsariana, remonta desde da invasão dos (árabes) no século VII, pese embora foi com menor influência e no século XV pelos europeus que subjugaram os povos africanos e incluindo dessa região, em todos os seus ângulos, durante quinhentos (500). De acordo com Badi (2002) é a colonização que originou e impôs um traçado de fronteiras que desarticulou a natural disposição cultural identitária de sociedades africanas. Ainda para materializar o objectivo, os europeus, impuseram a educação assimiladora da cultura europeia, na política e modo de vida, cilindrando, assim, o tecido identitário dos povos negros africanos. Portanto, a África mostrou



à humanidade, desde os primórdios da vida dos seres humanos e que caracterizou-se uma relativa calma até no século quinto (V) d.C., de acordo com (Ki-Zerb).

Um dado importante a ter-se em conta é que, o uso de cosméticos de origem natural pelos povos da África subsariana acontecia e onde podia extrair-se óleo na base de plantas oleaginosas, como é o caso da semente de rícino e aplicava-se para amaciar o corpo humano, só para citar exemplo. Até aos dias actuais, o uso do óleo do rícino é amplamente usado para processos terapêuticos e estéticos (MAIA, 2024).

O fenómeno do branqueamento da pele negra é uma forma que tem o objectivo de acessar o poder e os privilégios associados aos brancos (Yaba Blay, professora auxiliar de Ciência Política na Universidade Central da Carolina do Norte, especialista no assunto).

Com este artigo, precisamos deixar bem claro que, o objectivo não é de criticar quem por natureza nasceu claro ou branco. O que se pretende com este trabalho é chamar à consciência e mostrar que a diversidade epidérmica humana é uma identidade a ser preservada, valorizada e da qual devemos nos orgulhar e criar uma autoestima. Clarear significa admitir, a partir de um princípio evolucionista, que, existe um modelo global e um padrão de beleza a ser seguido em detrimento de um tido como inferior. É desse perigo de percepção que queremos chamar à consciência.

Portanto, queremos chamar atenção que, não se pode ignorar que, clarear a pele, tem seus impactos sociais, culturais e, sobretudo, na saúde das populações que se envolvem nessa prática. Na África, o branqueamento de pele não é novidade. Os médicos especialistas, alertam para os riscos que esta prática pode trazer para a saúde humana, como as manchas ou redução da melanina.

O uso de clareadores de origem sintético, teve início nos séculos de escravidão e da colonização dos africanos, pois é, na era da aldeia global que, proliferaram rapidamente as indústrias e a comercialização nas sociedades do Sul do deserto do Sahara. Sendo assim, o uso dos cremes clareadores tem sido crescente e de forma exponencial, com maior foco para: adolescentes, jovens, adultos de ambos sexos, mas, com maior ímpeto para o público do sexo feminino. Este grupo, em sociedades da África negra, está condicionado, pelo facto de fazer uma associação, no sentido de que, ter a pele clara seria sinónimo de ter e encontrar um bom trabalho, honra, superioridade, ou mesmo de ter uma relação amorosa consistente. Para muitos, isso é muito importante,



acrescentou, (Lester Davids, professor de Biologia Humana na Universidade de Pretória, na África do Sul).

Diante dessas narrativas, levantam-se questões de natureza holística a serem reflectidas: **Qual é a razão da negação da identidade negra, com o recurso ao clareamento da pele? Não estaremos diante de uma colonização estética?**

Se a África subsariana quer manter a identidade originária para futuras gerações, deve ser feita uma educação de consciência sobre a importância da preservação e valorização das identidades, sem precisar recorrer a uma colonização estética. Este trabalho poderia ser feito em esferas sociais mais amplas, (governamental, as lideranças comunitárias, religiosas, no sector da saúde, na média) mostrando que, os cremes clareadores tem efeitos prejudiciais para saúde, apesar de, aparentemente criar uma aparente sensação de autoestima ilusória. Segundo o Pana-africanista Neyerere, a educação não é apenas sobrevivência mas também é transformação, por isso, ao investir em competências, capacitamos a próxima geração de inovadores e líderes. Ainda Idris Elbas ensina-nos que, enquanto você for negro, a África será sua Casa. As nações da África negra, devem unir-se para banir o investimento nesta área (importação, comercialização formal e informal, produção e propaganda pela média analógica e digital, para não incentivar do uso nos seus países). A autoestima de ser negro, deve prevalecer e preservada no seio dos povos da África negra. As intuições de ensino, aos vários níveis, devem fazer o seu papel de demonstrar os efeitos nefastos do uso dos cremes clareadores, visto que estes, constituem um perigo para a saúde pública que, de certa forma, põem em perigo a identidade africana.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Na tentativa de trazer os objectivos sobre o tema, tomou-se como base autores que abordam o tema. O homem negro deve tornar-se capaz de restaurar a continuidade do seu passado histórico original, para tirar a vantagem moral necessária para reconquistar seu lugar no mundo moderno (CHEIKH ANTA DIOP, 1992). Ngũgĩ (1964) ao propor uma descolonização das mentes, segue uma corrente de pensamento e de militância no qual o fenómeno da descolonização territorial do continente africano é só um passo na descolonização total.



CONCLUSÃO

O fenómeno do uso de cremes clareadores foi profundamente enraizado em estruturas coloniais e racistas, e afectou negativamente as sociedades africanas negras, ao longo da história, criando desigualdades sociais, psicológicas e económicas. O colorismo ou clarear a pele, é um problema complexo que continua a impactar negativamente e progressivamente nas sociedades negras africanas, em geral, e perpetuando a autonegação da sua raça negra e, a sua originária e que lhe confere sem complacência. É necessário superar esta mentalidade colonialista evolucionista que olhava o negro africano como sendo inferior em relação ao homem branco. É necessário promover uma educação baseada numa relação de valorização das diferenças interétnicas, isto é, das relações inter-raciais que abrem caminhos para uma maior consciência sobre o valor e riqueza da diversidade.

Um dos Pilares de uma nova mentalidade é a rejeição total e integral, ao uso de cremes clareadores e isso, levará a sociedade negra africana na valorização da sua negritude, partindo do princípio de que, pessoas da raça branca nunca tentaram ostentar pessoas da raça negra. Por isso, as sociedades da África negra e não só, devem incutir aos negros que têm valores iguais aos dos brancos, para tal devem transmitir estes valores as crianças a cultivarem a autoestima da sua pele negra. Desta forma, honrariam os seus antepassados. Neste sentido, é necessário promover mais diálogos abertos sobre esta temática como forma de passagem de testemunho desta geração para às próximas gerações vindouras. Essa luta deve ser incessante com vista a fortalecer pessoas de cor negra para massificação da melanina, criar igualdade e unir as sociedades, comunidades e mundo em prol de um futuro mais inclusivo, justo e uma identidade própria negra africana.

REFERÊNCIAS

- Diop, Cheikh Anta. (1992). *Civilização ou Barbárie: Uma autêntica antropologia negra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Durkheim, Emile (1858-1917). *Fundamentos de Sociologia*.
- Maia, António Alone et al. *Uso de plantas medicinais por povos milenares da amazônia – Brasil (Munduruku, Karapãna, Kupÿkary, Tikuna e kokama), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e*



Moçambique –Tete (Dema e Nyungwe): uma perspectiva Comparada. Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, 2024.

Marx, Karl (1996). O Capital. Editora Nova Cultura, Vol. III

Max Weber (2004). Economia e Sociedade. São Paulo

Ki-zerbo, Joseph. (1972). *História da África Negra II*. Paris: Publicações Europa América.

Ruiz, Josefa Emília Lopes et all. (2002). Seis Pilares da Autoestima e a Integração Corpo e Mente.

Thiong'o, Ngũgĩ wa. (1964-1986). A História da Descolonização das Mentes.

<https://www.google.com/search?q=conceito+de+clareador>, acesso 14.05.2025.

<https://www.google.com/search?q=preserva%C3%A7%C3%A3o+da+identidade>.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%>, acesso 15.05.2025).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%>.

Recebido em: 30 de setembro de 2025.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2025.

Publicado em: 01 de janeiro de 2026.

Autoria:

Abibo Sábio

Instituição: Docente de profissao afecto na Escola Basica de Mirige, distrito de Montepuez, provincia de Cabo Degadao, norte de Moçambique na Africa Austral, jornalista e *Estudante finalista na Faculdade de Letra e Ciências Sociais no curso de Mestrado de Sociologia em Desenvolvimento na Universidade Rovuma em Nampula, II edição, 2023.* & <https://orcid.org/00090006-3788-9343>.

Universidade Rovuma

E-mail: abibosabio@gmail.com

País: Moçambique

António Alone Maia- Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo- USP (2015). Docente e chfe de Departamento de Extensão e Inovação da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Rovuma (UniRovuma). Alonemaia13@gmail.com; Moçambique. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>

E-mail: Alonemaia13@gmail.com

País: Moçambique